

Cenário do negócio agrícola catarinense

Jorge Bleicher

De 1992 a 1996 a participação da produção agropecuária catarinense no produto interno bruto do Estado passou de 18,8% para 16,7%, uma queda de 2%, aproximadamente. Se esta projeção se mantiver linearmente, no ano de 2003 teremos uma participação de aproximadamente 14%.

Observamos que vários produtos estão contribuindo para isso, entre eles: alho, fumo, mandioca e trigo. Por outro lado, observa-se um crescimento nos segmentos da carne: suínos, frango, bovinos e leite. Outros produtos como arroz, tomate, banana e mel também tendem a aumentar a participação no "bolo" que representa a agricultura catarinense.

Uma das conseqüências desta situação é a redução da população rural. O IBGE, no censo de 1995/96, mostrou que hoje temos 26,9% da população catarinense no meio rural, enquanto que em 1981 esta população era de 40,6%.

Qual é o problema da agricultura catarinense?

O problema na agricultura é a baixa rentabilidade agrícola da propriedade familiar, trazendo como conseqüências: desemprego, exclusão de agricultores, esvaziamento político e econômico regional, êxodo rural, agressão aos recursos naturais e miséria no campo. As causas são muitas e complexas.

O desconhecimento das necessidades edafoclimáticas para as espécies plantadas e o das possíveis espécies potenciais, a pouca terra disponível para as culturas anuais e perenes e a pequena dimensão física das

propriedades inviabilizam a exploração agrícola de commodities e retratam um quadro onde não se consegue otimizar os rendimentos e reduzir os custos e riscos.

O desconhecimento dos fatores críticos da cadeia produtiva (gargalos, ameaças, restrições, fatores limitantes ao sistema produtivo e eficiência competitiva) perpetua a baixa eficiência técnica do setor produtivo causando um processo de exclusão dos produtores.

Num passado bastante próximo, havia pouco interesse nos estudos das cadeias produtivas nos países com fortes barreiras alfandegárias, inclusive para o setor agrícola. Por trás das tarifas escondia-se a baixa eficiência produtiva, muitas vezes regada a abundantes subsídios. Com a globalização da economia, abertura do mercado agrícola, queda das tarifas alfandegárias e corte de subsídios, a sobrevivência de uma cadeia produtiva ficou dependente da produtividade, da qualidade e da redução de custos em toda a corrente.

Este argumento é facilmente comprovável quando se observam produtos importados e nacionais, nas prateleiras dos supermercados; o consumidor compara e considera que a queda de preços das mercadorias produzidas internamente não acontece no nível desejado e a qualidade muitas vezes deixa a desejar — o que de fato acontece, pelo pouco emprego da tecnologia e, conseqüentemente, o não-alcance da produtividade e qualidade potencialmente desejável.

A baixa produtividade e qualidade dos produtos agrícolas, estrutura deficiente de comercialização, falta de informações de mercado e excesso de oferta contribuem para que o produtor rural tenha uma baixa renda da operação agrícola (ROA).

Geralmente, o produtor rural está trabalhando mais por oferta do que por demanda, desconhecendo, na maioria das vezes, as necessidades e os desejos do consumidor. As informações de mercado que chegam até o

produtor são precárias. O sistema de divulgação encontra muitas dificuldades para cumprir o seu papel. As pesquisas de mercado, a começar pelas cadeias produtivas, são incipientes. Os dados estatísticos não são analisados e sintetizados para se transformarem em informação para o produtor. O mercado de alimentos no mundo desenvolvido trabalha com superávit. Nesses países, a otimização das áreas de excelência, a exploração das vantagens comparativas e o uso intensivo de tecnologias produzem altos índices de produtividade e qualidade, além de baixos custos e menores riscos. Aliados ao excesso de oferta, observam-se os baixos custos dos produtos agrícolas em função de redução de custos na cadeia produtiva, por meio do uso de tecnologia, do uso de uma logística cada vez mais sofisticada na distribuição, de economia de escala em toda a cadeia produtiva e da eliminação dos pontos de estrangulamento das cadeias produtivas.

O produtor é um elo isolado dentro da cadeia produtiva, a qual geralmente é coordenada pelos distribuidores e comerciantes atacadistas. A organização espacial da produção e a logística de distribuição e comercialização inexistem, pelo fato de que o produtor não está organizado em termos de cadeia produtiva.

A baixa eficiência técnica do produtor, o gerenciamento incipiente e as culturas estabelecidas em condições edafoclimáticas inadequadas refletem a baixa produtividade e qualidade do produto agrícola. O gerenciamento incipiente do produtor rural está ligado ao pouco conhecimento sobre técnicas gerenciais, à educação formal insuficiente, às poucas informações de mercado e, muitas vezes, a uma inadequação pessoal para o gerenciamento da propriedade rural.

Jorge Bleicher, eng. agr., Dr., Cart. Prof. 4.167-D, Crea-SC, Epagri, C.P. 502, Fone (048) 239-5674, Fax (048) 239-5597, 88034-901 Florianópolis, SC.